

APCVD quer bons exemplos e valores para combater violência no desporto

Simão Freitas, da Agência Lusa

Porto, 05 out 2020 (Lusa) - O presidente da Autoridade para a Prevenção e Combate à Violência no Desporto (APCVD), Rodrigo Cavaleiro, disse hoje à Lusa que modelos ultrapassados de "hostilização e algum populismo" têm de dar lugar a bons exemplos e comportamentos positivos.

Em entrevista à Lusa, Rodrigo Cavaleiro explicou que os "maus modelos continuam a ter um espaço de mediatização muitíssimo elevado" dentro do desporto português, levando à perpetuação de comportamentos violentos e discriminatórios, do seio dos clubes a adeptos e até às bases do futebol de formação.

"Ainda há quem beneficie, ou pense que beneficie, em primeira instância, desse cenário de hostilização e até de algum populismo, que é fomentado e, em cascata, vai afetar até as competições amadoras", atirou.

Os exemplos dados ao mais alto nível, e por isso mais repercutidos na comunicação social, nas redes sociais e na opinião pública, acabam por influenciar o resto do desporto, chegando "a pais de atletas e a atletas muito jovens, em idade muito tenra e com menor capacidade de discernimento, ainda tão permeáveis".

Por isso, é preciso tornar a mensagem de valores e de influência positiva no desporto "apelativa", defendeu o líder da APCVD, para que os mais novos sejam "os agentes das modalidades amadoras", em termos de mudança, e para que os que têm "mais palco mediático" possam "ser os exemplos e agentes de mudança, e muitos há que já fazem por isso".

Rodrigo Cavaleiro disse ainda que "é difícil estabelecer metas" para começar a ver-se o impacto do trabalho da autoridade, que arrancou em setembro de 2019, até porque "os melhores exemplos têm um histórico e um trabalho por detrás".

"Não serão as décadas do futebol inglês", atirou, referindo-se às sucessivas medidas para combater o hooliganismo desde os anos 1970, mas lembrou que o trabalho será gradual e que o desporto "acaba por ser uma amostra das realidades sociais" e do contexto em que se insere o país e a própria Europa.

"Não estamos isolados de crises económicas, políticas e sociais que se podem viver. Tempos de maior prosperidade, se calhar, são alturas que facilitam o desenvolvimento cultural e social, em tempos de maior dificuldade, isso manifesta-se nos comportamentos e frustrações", lembrou.

Para continuar a trabalhar na "vertente preventiva",

isto é, em ações de formação, sensibilização e de consciencialização, começando pelos escalões mais jovens, a APCVD terá um reforço de pessoal, "para este ano ainda", permitindo aumentar a força de trabalho de cerca de 20 pessoas para próximo das três dezenas.

Esse recrutamento vai permitir "começar a trabalhar a vertente preventiva, de transformação", e a constituição "de equipas de trabalho que vão ao terreno, que trabalhem com clubes, organizadores de competições e os próprios adeptos".

Este trabalho vai continuar sempre a ser feito em parceria, ressalva, lembrando iniciativas como o projeto 'Black Lives Matter in Football', criado pela Associação Plano I e apoiado pela rede internacional contra o racismo no desporto Fare Network, ou o recém-criado Observatório Nacional da Violência Contra Atletas.

Sobre esta questão, a autoridade tem "pensado na possibilidade" de "aumentar plataformas de denúncia informal" de violência contra atletas, como a que disponibiliza o Observatório, para poder "descobrir o que está para lá da ponta visível do iceberg", para poder ter uma noção mais aproximada da realidade, entre o reporte policial e um estudo "o mais aprofundado possível".

"Infelizmente há muitos números desconhecidos, e a melhor forma de intervirmos sobre a realidade, e a transformarmos, e prevenirmos esses fenómenos, é termos a coragem de a enfrentar e saber exatamente os números de que falamos", referiu.

Além de ser "difícil mudar mentalidades", Portugal terá ainda "um longo caminho a desenvolver" para se aproximar, em termos de atuação e legislação dos "princípios da Convenção de Saint-Denis", do Conselho da Europa.

Ratificada por Portugal em 2018, apresenta "um modelo completamente diferente" da Convenção de 1985, ainda muito marcada no país, por integrar "a vertente da segurança, da proteção e dos serviços da hospitalidade", em detrimento de uma visão apenas securitária.

"Como em todas as situações de mudança, é essencial conseguirmos fazer ações de sensibilização, desenvolver projetos piloto com parceiros privilegiados que tenham capacidade de intervenção no terreno. Porque é uma realidade tão complexa que é difícil uma autoridade sozinha mudar tudo isso, nem é expectável que se faça dessa forma", referiu.

Esse plano passa "sobretudo pela formação", não só com a criação de conteúdos e ações junto de "gestores de segurança", profissionalizando clubes e organizadores nesta

área, como na sensibilização, ainda que seja um projeto para acionar "a capacidade transformadora de longo prazo".

"O semear de novos conceitos e vocabulário, que todos os indivíduos deverão começar a assimilar, e eles próprios serem agentes de mudança. Tudo isso são iniciativas a que a autoridade se associa e dá apoio", atirou.

A pandemia de covid-19 veio afetar a APCVD essencialmente no número de ações presenciais, e no respetivo alcance, que poderiam levar a cabo, continuando por outras vias um trabalho pelos valores desportivos que Rodrigo Cavaleiro elenca como fundamentais.

"A melhor forma de termos espetáculos seguros é aumentar a inclusão, a hospitalidade, e ver que um espetáculo desportivo não deve ser um rufar de tambores, quase como uma batalha, mas termos gosto, querermos ser campeões de receber bem, de dar o exemplo, de estar no desporto pelos valores", completou.